



Um cântico de peregrinação e esperança na ação divina: uma análise do Salmo 126

A song of pilgrimage and hope in divine action: an
Analysis of Psalm 126

*José Ancelmo Santos Dantas**

PUC-SP

Recebido em: 04/12/2024. Aceito em: 02/01/2024.

Resumo: *Este estudo oferece uma análise envolvente do Salmo 126, um dos “Cânticos de Peregrinação” presentes na Bíblia Hebraica. Apesar de sua brevidade, o poema é profundamente significativo, entrelaçando o passado e o presente do povo de Israel em uma narrativa que destaca a ação divina. Ele evoca, no passado, a alegria e o assombro da restauração pós-exílica, marcada por sonhos realizados, risos e júbilo. Já no presente, revela uma súplica sincera por renovação e prosperidade, simbolizada pelas torrentes do Negueb, em meio aos desafios da vida. A pesquisa explora os aspectos linguísticos, como a originalidade de certos termos hebraicos, e os teológicos, examinando a conexão entre a fé monoteísta e a reinterpretação da história. O Salmo 126 destaca-se como uma obra única que combina lirismo e espiritualidade, transmitindo uma mensagem universal de esperança e perseverança. Com isso, o estudo busca aprofundar a compreensão deste poema enquanto testemunho de fé e expressão literária que resiste ao tempo.*

Palavras-chave: *Salmo 126; cânticos de peregrinação; esperança; restauração pós-exílica; literatura bíblica.*

Abstract: *This study offers an engaging analysis of Psalm 126, one of the “Pilgrimage Songs” found in the Hebrew Bible. Despite its brevity, the poem is deeply meaningful, weaving the past and present of the people of Israel into a narrative that highlights divine action. It evokes, in the past, the joy and wonder of post-exilic restoration, marked by realized dreams, laughter and jubilation. In the present, it reveals a sincere plea for renewal and prosperity, symbolized by the*

* Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é Diretor Administrativo e do Curso de Teologia do Instituto São Boaventura e professor titular, membro do Grupo de Pesquisa TIAT – Tradução e Interpretação de Textos do Antigo Testamento, sob a orientação do Professor Dr. Matthias Grenzer. E-mail: ancelmo_dantas@outlook.com.





torrents of the Negev, amidst life's challenges. The research explores linguistic aspects, such as the originality of certain Hebrew terms, and theological aspects, examining the connection between monotheistic faith and the reinterpretation of history. Psalm 126 stands out as a unique work that combines lyricism and spirituality, conveying a universal message of hope and perseverance. With this, the study seeks to deepen the understanding of this poem as a testimony of faith and literary expression that resists time.

Keywords: *Psalm 126; pilgrimage songs; hope; post-exilic restoration; biblical literature.*

Introdução

A “Torá (תּוֹרָה),” primeira parte da Bíblia Hebraica – composta por cinco livros – equivale ao “Pentateuco (Πεντάτευχο)” da Bíblia cristã. O conteúdo literário aí descrito visa à proposta feita, por parte do Senhor, Deus de Israel, frente ao seu povo. As muitas narrações-legislações e os poucos hinos tornaram-se no decorrer dos séculos, a normativa do Senhor junto ao seu povo. Porquanto, se a Torá é a proposta cunhada a modo de Lei, que chão literário, dentro da Bíblia Hebraica, é a resposta dada, por parte do povo, ao seu Senhor? Os cento e cinquenta Salmos! Trata-se de inúmeros poemas líricos, cantados, muito provavelmente, desde a época “canaanita” até a época “macabaica” (Ravasi, 2011, p. 47). Uma vez, fomentados por meio da tradição oral, foram testamentados e ganharam atributo de Palavra do Senhor. Sl 126, juntamente com os Salmos – 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133 e 134 – pertencem à família dos hinos e/ou dos “Cânticos das Subidas (הַמְעֻלּוֹת שִׁיר)”.

Brevidade e simplicidade delimitam o poema contido em Sl 126. Entretanto, o interlocutor atento, vislumbra junto a ele, um oceano de inspiração, haja vista que, muitas são suas imagens. Ora, o orante “sonha (חלם)” (v. 1c) com a reversão do quadro em que vive, isto é, o “exílio (שִׁבְעָה)” (v. 1b). E, por isso, enche a “boca (פֶּה)” (v. 2a) de “riso (שְׂחוק)” (v. 2a) e a “língua (לְשׁוֹן)” (v. 2b) de “júbilo (רִנָּה)” (v. 2b). Ora, apoiando-se na categoria da memória, lembra da modesta vegetação de sua terra natal e canta: “como os leitons no Negueb (בְּנֶגֶב כְּאַפְיָקִים)” (v. 4b). Tais imagens pintadas com as cores da vida de um povo, só podem alcançar o objetivo a que se propõem, graças a presença do “SENHOR (יְהוָה)” (vv. 1b.2d.3a.4a). Este último, é o protagonista principal do Antigo Israel. Outrora, graças a sua presença, o povo prumou de uma “terra opressora e mortífera” (Ex 20,2) rumo a uma “terra que corre leite e mel” (Dt 26,9).



Frente ao Sl 126 o interlocutor tem a impressão de ler o segundo Isaías: “abrirei torrentes nas trilhas e mananciais em meio aos vales, tornarei deserto em pântano e terra árida em nascentes de água. Ao deserto darei cedro, acácia, murta e oliveira; colocarei na estepe cipreste, freixo e pinheiro juntos, para que vejam e reconheçam, considerem e percebam juntos que a mão do SENHOR fez isso, e o Santo de Israel o criou” (Is 41,18-20). Vejam: chuva passageira não seria capaz de levar água para o árido deserto meridional do Negueb. Paralelo a isso, vale pensar: estando o povo de Israel nas agruras do exílio e tendo que “cantar um cântico do Senhor”¹ em uma terra distante, que força humana poderia devolver-lhe sua liberdade? Pensar em um projeto de tamanha proporção, sem fé, seria algo impossível. Outrora, este mesmo povo havia sido escravo no Egito e para tanto a saída fora a execução do “projeto de libertação” (Grenzer, 2004, p. 176) liderado pelo Senhor, cuja condução dos trabalhos ficara aos cuidados de Moisés. Agora, ao que parece, o povo peregrino e cheio de esperança, volta sua confiança coletiva para o Senhor e junto a ele canta: “Ó SENHOR² volta-te, novamente, para os exilados (אֶת-שְׁבוּתֵנוּ וְהָיָה לָנוּ שִׁירָה וְהָיָה)”) (v. 4a). A poesia lírica à serviço da fé, no seio da história, presenteou a Israel e a toda a humanidade este belo, singelo e dadivoso cântico de peregrinação. Escutemo-lo!

Apresentação do Poema

Com suas aproximadas 50 palavras, Sl 126 é considerado poema lírico e possuidor de uma “súplica coletiva” e/ou “nacional” (Ballarini, 1985, p. 70). Apesar de sua “roupa” “modesta”, pode ser incluído, sem hesitação alguma como parte integrante de uma coleção de “obra prima” pertencente à “literatura universal” (Seybold, 2007, p. 305). A fim de facilitar a leitura, segue uma tabela. Sendo que no lado esquerdo dela, há o texto apresentado na língua original em que foi escrito. No meio,

- ¹ DANTAS, José Ancelmo Santos; SILVA, Gabriel da Paixão. Lembranças de casa: um estudo literário e bíblico do Salmo 137. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, v. 16, n. 3, p. 492-502, ano 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/31550>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- ² O uso de “SENHOR” em caixa alta indica o Tetragrama Sagrado (YHWH), conforme a tradição de evitar sua pronúncia direta, enquanto “Senhor” com inicial maiúscula é utilizado para referências gerais a Deus, seguindo critérios técnico-litúrgicos e as diretrizes de tradução bíblica da tradição católica, como a *Liturgiam Authenticam*, disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_po.html.



a organização dos versos. Ficando o lado direito, com a tradução em língua portuguesa.

Quadro 1 – Organização do Salmo e sua tradução

Hebraico ³	Versículos	Português
הַמְעֲלוֹת שִׁיר	(v. 1a)	Cântico das subidas.
צִיּוֹן אֶת־שִׁיבַת יְהוָה בְּשׂוֹב	(v. 1b)	Quando o SENHOR se voltou, novamente, para Sião,
בְּחֻלְמִים: הָיִינוּ	(v. 1c)	estivemos como a sonhar.
פִּינוּ שְׂחֹק מְלֹא אֵז	(v. 2a)	Então, se encheu de riso nossa boca,
רִנָּה וּלְשׁוֹנֵנוּ	(v. 2b)	e nossa língua, de júbilo.
בְּגוֹיִם יֹאמְרוּ אֵז	(v. 2c)	Então, diziam entre as nações:
עַם־אֲלֵה: לַעֲשׂוֹת הַגְּדִיל יְהוָה	(v. 2d)	O SENHOR se mostrou grande pelo que fez com eles.
עַמְּנוּ לַעֲשׂוֹת הַגְּדִיל יְהוָה	(v. 3a)	O SENHOR ⁴ se mostrou grande pelo que fez conosco:
שִׂמְחִים: הָיִינוּ	(v. 3b)	e como nos alegramos.
אֶת־שְׁבוּתֵנוּ שׂוֹבָה יְהוָה	(v. 4a)	SENHOR, volta-te, novamente, para nós,
בְּנֹגֵב: כַּאֲפִיקִים	(v. 4b)	como as torrentes do Negueb!
בְּדִמְעָה הִזְרְעִים	(v. 5a)	Os que semeiam com lágrimas
יִקְצְרוּ: בְּרִנָּה	(v. 5b)	com alegria recolhem.
וּבְכֹלָה זָלַד הַלֹּדֶד	(v. 6a)	Indo, iam chorando
מִשָּׂדֶה־הַזֶּרַע נִשָּׂא	(v. 6b)	carregando o saco da semente:
בְּרִנָּה בֹאֵי־יְבוּא	(v. 6c)	Vindo, vinham com júbilo
אֶל־מִתְיוּ: נִשָּׂא	(v. 6d)	carregando seus feixes.

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Ao ler e/ou ao ouvir o Sl 126 o interlocutor percebe uma harmonia rítmica, na medida em que – com exceção do título do cântico (v. 1a) – os acentos apontam para a seguinte estrutura: (2+4+2+2+2+4),

³ Para garantir a concordância e facilitar a leitura, algumas palavras foram realocadas no texto hebraico. Por exemplo, nos (vv. 2d, 3a e 4a), entende-se que o “SENHOR (יהוה)”, como sujeito da frase e/ou da oração, deve ocupar a posição inicial. Assim, esses vocábulos, que no texto hebraico aparecem no meio da frase, foram sistematicamente deslocados para o início.

⁴ A fim de possibilitar uma tradução mais fluida para o português, a palavra “SENHOR (יהוה)” sofreu uma pequena alteração de posição – em relação à língua original do Salmo, isto é, o hebraico – em comparação com a expressão verbal “se mostrou grande (הגדיל)”.



podendo ser dividida em duas estrofes (vv. 1b-3b) e (4a-6d). Trata-se de uma moldura construída, literariamente, por duas fotografias, que são as estrofes e que estão ancoradas, tematicamente, por duas palavras: passado (v. 1b-3b) e presente (v. 4a-6d). A dobradiça capaz de sustentar essa obra é o “SENHOR (יהוה)” que com suas quatro presenças (vv. 1b.2d.3a.4a) acompanha o poema em Sl 126 e está presente nas duas estrofes desse hino. Além do mais, a presença do “SENHOR (יהוה)” possibilitou ao orante um olhar para o futuro, na medida em que, o poeta vê na “restauração judaica pós-exílica” um sinal claro do “renascimento messiânico” (Ravasi, 2011, p. 575).

Graças ao nome divino do Senhor, descrito nos (vv. 1b.2d.3a.4a), o passado (vv. 1b-3b) se conecta ao presente (vv. 4a-6d), fazendo “as nações” (v. 2c) compreenderem o mesmo que “Sião” (v. 1b) compreendera: “o SENHOR se mostrou grande pelo fez” (vv. 2d-3a), tanto “com eles (עַם-אֲרָץ)” (v. 2d), quanto pelo que fez “conosco (עִמָּנוּ)” (v. 3a). Isso significa que: todos povos devem se submeter à grandeza do Senhor. Ademais, seja visto junto ao Sl 126 outras possíveis riquezas literárias e que estão à disposição dos seus leitores. É fato: duas estrofes, classificadas como fotografias, abrem-se, cada qual, a um esquema temático – sendo o primeiro: “quando o SENHOR se voltou, novamente, para Sião” (v. 1b); e, o segundo: “SENHOR, volta-te, novamente, para nós” (v. 4a) – concedendo ao texto poético uma verdadeira “metamorfose” (Weiser, 2002, p. 594).

Estivemos como a sonhar (v. 1c)

Quem reza ou canta em Sl 126, faz memória acerca do acontecimento do exílio na Babilônia, e ao lembrar deste fato, poetiza: “quando o SENHOR se voltou, novamente, para Sião, estivemos como a sonhar” (v. 1b-c). Gramaticalmente este pequeno verso se abre com uma “cláusula temporal” – o Senhor se voltou para Sião (הָיָה יְהוָה וְשָׁבַת יְהוָה) –. Em seguida, toca a preposição – “como (כְּ)” – causando uma “figura de comparação”⁵ – estivemos como a sonhar (כְּהִלָּמִים הָיִינוּ) –. Imagina-se, com isso, que os exilados, uma vez, tendo sido olhados pelo Senhor, Deus de Israel, tenham recuperado a capacidade de sonhar. Tornaram-se, então,

⁵ Ideia semelhante apresenta ROSS, Allen P. *A commentary on The Psalms* – vol. 3 (90-150). Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505.2016. p. 661.



sonhadores⁶ e, na medida em que, regressaram para casa, puseram-se a reconstruir a pequenina aldeia de Jerusalém (Esd 1,2-4). O desânimo, o choro e o desalento que os impediam de “cantar” um “cântico” do “Senhor”, estando “longe de casa”⁷, conforme Sl 137, transformou-se no Sl 126 em motivo de: “sonho (חלם)” (v. 1c), “riso (קִיחֹשׁ)” (v. 2a) e “júbilo (הִתְהַלֵּל)” (v. 2b).

A expressão verbal “como a sonhar (כְּחִלְמֵי־יָם)” no sentido de tornar-se robusto e/ou entesar, provém da raiz verbal (חלם) no grau *Qal*, participio, masculino, plural e possui uma única presença junto aos cento e cinquenta Salmos (Strong, H2492). Entretanto, como este vocábulo se apresenta junto a Bíblia Hebraica? Na *Tanak*⁸ o verbo em questão aparece por vinte e nove vezes. Inicialmente, narra-se acerca de Jacó que ao partir, apressadamente – pois roubara a benção da primogenitura que pertencia, por direito ao seu irmão Esaú (Gn 27,18s) – de Bersabeia para Harã, foi o primeiro a “sonhar (חלם)” (Gn 28,12), mesmo estando no deserto e tendo por travesseiro uma pedra (Gn 28,11). Sequencialmente, este dom sobreveio ao mais moço da casa de Jacó, isto é, José⁹, a quem Israel mais amava (Gn 37,3). Ao largo do seu caminho, a arte por ele recebida, o capacitou para sonhar e interpretar sonhos, mas, de um lado, o colocou na prisão (Gn 39,20), e, de outro, fê-lo sentar-se no posto da administração, junto a casa do faraó, no Egito (Gn 41,39-40).

⁶ Friso aqui um contentamento pessoal: embora não fale a língua húngara, com o auxílio da plataforma Google pude perceber um estudo publicado sobre o Sl 126 visando uma perspectiva voltada para o sonho. Cf.: BODOR, Attila. „Olyanok voltunk, mint az álmodók”: Az álom szimbolikája a 126. (Éramos como sonhadores”: O simbolismo do sonho no Salmo 126 [trad. pelo autor]) Zsoltárban. *Mathias Corvinus Collegium*, vendégoktató. Disponível em: <https://sup.sthtr.com/home/catalog/view/4/9/29>. Acesso em: 2 dez. 2024.

⁷ Cf.: DANTAS, José Ancelmo Santos; SILVA, Gabriel da Paixão. Lembranças de casa: um estudo literário e bíblico do Salmo 137. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, v. 16, n. 3, p. 492-502, ano 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/31550>. Acesso em: 23 dez. 2024.

⁸ Nome técnico para a Bíblia Hebraica. Cujo significado é: Torá (Pentateuco), Neviim (Profetas) e Ketuvim (Escritos). Cf.: HOUTMAN, C. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2007. CLOUZOT, Henri. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

⁹ Uma boa acomodação bíblica faz o interlocutor lembrar de José, até então, comprometido com Maria. Este último, em uma noite, por meio do sonho recebeu a visita de um mensageiro de Deus, o anjo (Mt 1,20). Fazendo-o mudar de planos. Semelhante fato se deu com o apóstolo Paulo. Durante a noite teve uma visão, um homem em pé o chamou para ir anunciar o Evangelho na Macedônia. Mais tarde, Paulo compreendeu ser um desígnio divino (At 16,9-10). PAULINAS EDITORA (org.). *A Bíblia – capa cristal*. Capa comum. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2023.



José, “sonhou um sonho (חֲלוֹם וַיַּחְלֶם)” (Gn 37,5.6.9^(2x).10^(2x); 42,9) e na prisão, tendo sob seus cuidados o copeiro (Gn 40,9) e o padeiro (Gn 40,16), que também “sonharam um sonho (חֲלוֹם וַיַּחְלְמוּ)” (Gn 40,5^(3x).8; 41,11^(3x).12), estes puderam receber de José a interpretação do que lhes sucederia (Gn 40,20-23). Com o passar do tempo, o faraó “sonhou (חֲלֵם)” (Gn 41,1.5.7.8.15^(3x).17.22) e José foi convocado para exercer, mais uma vez, a função de interpretar (Gn 41,25) o sonho que o faraó tivera. O mesmo ocorrerá entre Nabucodonosor, rei da Babilônia, ao pedir a interpretação do “sonho (חֲלֵם)” ao profeta Daniel (Dn 2,1.3).

Mais ainda, a Bíblia Hebraica, de um lado, compreende o sonho e/ou o sonhador de modo negativo. Isto se dá, quando se há entre os profetas¹⁰ e adivinhos, competições. Desta feita, os oráculos, bem como suas interpretações, tornam-se bizarros. Por exemplo: para a literatura do Deuteronômio e do profeta Jeremias o “sonhador (חֲלֵם)” pode ser relacionado a um falso profeta ou adivinho com pretensões de fomentar junto ao povo a idolatria (Dt 13,2.4.6; Jr 23,25^(2x).27.28^(2x).32; 29,8). Causando revolta e confusão no meio da comunidade. Haja vista, que há somente um único Deus e Senhor, este, diz respeito, aquele que fez o povo sair da casa da escravidão (Dt 13,6). Mas, de outro lado, foi graças a um “sonho (חֲלֵם)” escutado que Gedeão encheu-se de coragem e se convenceu de que deveria atacar seu inimigo, recebendo, após o conflito, a marca da vitória (Jz 7,13^(2x)). Interessante lembrar que Jó no auge de sua crise recebeu de Deus a oportunidade de contemplar toda a criação (Jó 38,1s). Neste caminho visionário não foram esquecidos os filhos das corças e das gazelas que se tornam “robustos חֲלֵם”)” e crescem pelo campo, saem e nunca mais voltam (Jó 39,4).

Mesmo diante de um cenário fúnebre, por causa da perda irreparável que se abateu sobre a cidade de Davi e seus filhos (Is 29,1s) o povo deve sonhar. Muito em breve, o Senhor dos Exércitos a visitará, exercendo aí o mesmo poder que outrora exerceu no Egito¹¹. Ele virá por meio do trovão,

¹⁰ O profeta não é aquele que fala por si. Fala somente o que Deus quer que seja dito. Portanto, ele não é um homem de palavras. Há um estudo publicado, cf.: GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos. Moisés como incircunciso de lábios (Ex 6,12.20). *Revista Eletrônica Teologia e Ciências da Religião*. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1591/1283>. Acesso em: 2 dez. 2024.

¹¹ Curiosamente a Revista Theologica Lusitana apresenta um estudo antigo, no qual, aproxima o Salmo 126 a uma espécie de “Terceiro Êxodo” Cf.: CASTRO, Joaquim Mendes de. O Salmo 126 e o terceiro êxodo. *Didaskalia*, v. 1, n. 2, p. 355-361, 1971. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10357>. Acesso em: 2 dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1971.595>.



tremor e grande som, por meio da ventania, tempestade e de uma chama de fogo devorador (Is 29,6). Mas, para isto faz-se necessário da parte da multidão cultivar o “sonho (חלם)” (Is 29,8). Sonhar e acreditar que Deus, o Senhor de Israel, intervirá contra todos os povos que saem em combate contra a cidade de Jerusalém. Sonhar no sentido de fazer lembrar e perpetuar a promessa outrora feita: “derramarei meu espírito sobre toda a carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos anciãos terão “sonhos (חלם)”, vossos jovens terão visões” (Jl 3,1). Observem que não se trata de qualquer sonho, mas de um sonho unido a profecia. Dito de outro modo: trata-se de um “sonho” que se “abre”, ao “quebrar o passado”, “abrindo um horizonte de luz” e colocando-nos, novamente, na “história da salvação”. Entretanto, para isso se realizar, faz-se necessário ter “olhos” que saibam “ver” (Ravasi, 2011, p. 581).

Enfim, o poeta ao cantar: “quando o SENHOR se voltou, novamente, para Sião, estivemos como a sonhar” (v. 1b-c), imagina que o sonho cultivado junto a Deus favoreça o “riso” (v. 2a), o “júbilo” (v. 2b) e ao reconhecimento feito pelas “nações” (v. 2c) de que ele, o Senhor “fez” (v. 2d), “faz” (v. 4a) e continuará a fazer maravilhas pelo seu povo. Isso, torna-se, portanto, motivo de contentamento e de alegria.

E como nos alegramos (v. 3b)

A certeza da presença do Senhor, “que se mostrou grande” (v. 2d-3a), tanto pelo que “fez com eles” (v. 2d) quanto pelo “que fez conosco” (v. 3a), manifesta-se como um estado de alegria coletiva: “e como nos alegramos (שִׂמְחָה יְיָ יִינֵנו)” (v. 3b). Gramaticalmente, a palavra “alegria” é um substantivo que deriva do estado de estar alegre, no sentido de contentamento.

Este é o caso presente em (v. 3b). Ou seja, o coletivo de Israel encontra-se “alegre (שִׂמְחָה)” – adjetivo masculino plural – uma vez que o Senhor mostrou o seu grande poder. Esta expressão possui apenas três usos dentre os cento e cinquenta Salmos: (Sl 35,26; 113,9 e 126,3) (Strong, H8055). Todavia, são vinte e um usos em toda a Bíblia Hebraica.

A alegria, ora se faz presente por ocasião da “Festa das Tendias”: tendo o Senhor concedido a sua benção todos “estarão alegres (שִׂמְחָה)” (Dt 16,15; 1Rs 8,66); ora se dá após a celebração da “Dedicação do Altar” (2Cr 7,10). Noutras vezes, a alegria toma corpo por ocasião de uma eleição real, na medida em que, “o povo toca flautas, alegrando-se (שִׂמְחָה) com grande alegria” (1Rs 1,40.45; 2Rs 11,14; 23,13). Porém, imagina-se



que, este predicamento valioso recaia também sobre a numerosidade do povo que vivia no reino do Norte e no reino do Sul, à medida que, “eles comiam, bebiam e alegravam-se (1) (תִּשְׂשׂוּ)” (Rs 4,20).

Além disso, a alegria, de um lado, pode ser encontrada em quem insiste no mal, mas, travestida de ironia, como é o caso de “Hamã que saiu alegre (תִּשְׂשׂוּ) e animado,” por ver, momentaneamente, prosseguiu seu plano malvado de matar um judeu de nome “Mardoqueu” (Es 5,9.14). Trata-se “dos que se alegram (תִּשְׂשׂוּ) em fazer o mal e se regozijam na perversidade do mal” (Pr 2,14). Estes, “se alegram (תִּשְׂשׂוּ) com a desgraça alheia e não ficarão impunes” (Pr 17,5). São os conquistadores de “Carnaim” que se “alegraram (תִּשְׂשׂוּ)” ao tomar “Lo-Dabar” (Am 6,13), isto é, possuidores de um poder fictício, já que, “Lo-Dabar” significa literalmente “nada”. De outro lado – não obstante a crise existencial pelo qual passam – também podem experimentar a alegria: os “prisioneiros”, “pequenos”, “grandes”, “servos”, “senhores” e “amargurados” e a sentem na medida em que, depois de muito esperar a “morte” e perceber que ela tarda a chegar, “exultam em excesso (תִּשְׂשׂוּ)” felizes porque encontraram a sepultura” (Jó 3,22).

Em todo caso, há um espaço no ser humano onde a alegria pode ser positivamente cultivada. A Bíblia Hebraica acredita que este espaço seja o coração. Na condição de norte definidor de cada ser pessoal que raciocina – a medida em que pensa – o “coração alegre (לֵב תִּשְׂשׂוּ)” (Pr 15,13; 17,22; Ecl 2,10; Is 24,7) é sinônimo de “beleza”, “remédio” e “recompensa” – respectivamente – não obstante os “gemidos” que, ao largo do caminho ele deverá sussurrar. Quer dizer, quando em Sl 126 o poeta canta: “e como nos alegamos (תִּשְׂשׂוּ יְיָ יִינֵנוּ)” (v. 3b) essa “alegria” constitui um paralelo charmoso com o “riso (קִיחֹק)” em (v. 2a) apontando para “gritos de alegria” como ocorre numa “vitória de guerra” ou “gritos de lamentação”. Uma espécie de “clamor retumbante” (Ross, 2015, p. 667). É, portanto, a alegria, fruto de “júbilo abundante”, de quem está prestes a “ceifar” (Is 9,2). O cultivo dessa alegria evidencia que o pretérito, outrora marcado pela escravidão, cessou sua influência como mantra comunitário. Por isso, o poeta prossegue sua prece e cântico, no presente, do seguinte modo: “SENHOR, volta-te, novamente, para nós, como as torrentes do Negueb” (v. 4a-b)¹².

¹² Ao longo dos tempos os cento e cinquenta Salmos foram estudados sob duas grandes perspectivas hermenêuticas: a histórica e a antropológica. Entretanto, descortina-se, paulatinamente, frente ao leitor uma nova opção. Trata-se de uma hermenêutica que vise a ecologia integral. Esta última, em nada, apequena a grandeza desses poemas líricos. Ora, levando-se em conta que o Negueb é uma região de clima



Como as torrentes do Negueb (v. 4b)

A prece lírica avança e com ela os sentimentos do seu poeta. Ao dizer ao Senhor, “volta-te, novamente, para nós, como as torrentes do Negueb” (v. 4a-b), de um lado, delimita-se o tom do hino, na medida em que informa ao interlocutor que, o tempo dos fatos mudou. Com o (v. 4a) é o presente que ganha campo literário. Pois, é em Israel que se encontra a atenção do Senhor: “para nós” (v. 4a). De outro lado, chama-se para a temática da prece, o mundo da sementeira, por meio dos verbos: “semear (זרע)” (v. 5a), “recolher (קצר)” (v. 5b), “chorar (בכה)” (v. 6a) e “carregar (נשא)” (v. 6a-d) o “saco da semente (מִשְׂבָּחֵי הַזֶּרֶע)” (v. 6b). Tudo isso, graças ao “SENHOR (יהוה)” (v. 4a) – provedor – tanto das nações (v. 2c), quanto das formações geomorfológicas (v. 4b).

Em princípio, o leitor, gramaticalmente, depara-se com a partícula prepositiva (עַ) cujo significado aponta para a “qualidade de” e/ou na “condição de”. Em seguida, tem-se a palavra “torrentes¹³ (נְאֻמֵי)” descrita como

predominantemente seco, localizado no deserto, tais estudos olham para a natureza. Por acreditar que essa última, também é criação divina e lembra o Senhor, Deus de Israel. Assim sendo, apresento ao interlocutor o (TIAT – Tradução e Interpretação do Antigo Testamento), um grupo de estudos no âmbito da Pós-Graduação que atua na área da Teologia, liderado pelo Prof. Dr. Matthias Grenzer, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Eis alguns dos nossos estudos publicados visando a temática da ecoteologia: GRENZER, Matthias; AMARAL DE LIMA, Cleodon; BARBOSA CARDOSO, Robert. “Dele vem minha esperança: um estudo do Salmo 62”. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 39, p. 195-212, 2024. GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. “A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do Salmo 65”. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 38, p. 171-196, 2023. GRENZER, Matthias. “Literalidade: desafios ao traduzir os livros Êxodo, Salmos e Cântico dos Cânticos”. *Ciberteologia (São Paulo)*, v. XIX, p. 34-43, 2023. GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. “Pássaros nos Salmos”. *Rev. Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, p. 115-129, 2022. GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. “Árvores nos Salmos: elementos para uma educação espiritual e ambiental”. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, p. 439-456, 2021. GRENZER, Matthias. “Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92”. *Atualidade Teológica*, v. XXIV, p. 66-86, 2020. GRENZER, Matthias. “Peste e epidemia: configuração poética e reflexão teológica no Salmo 91”. *Estudos Teológicos (Online)*, v. 60, p. 433-445, 2020. GRENZER, Matthias; RAMOS, M. S. “Água nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, p. 750-763, 2020. GRENZER, Matthias. “Pastoreio e hospitalidade do Senhor: exegese do Salmo 23”. *Atualidade Teológica (PUCRJ)*, v. 41, p. 301-321, 2012. GRENZER, Matthias. “Caminhos de justos e perversos: exegese do Salmo 1”. *Atualidade Teológica (PUCRJ)*, v. 38, p. 335-348, 2011. GRENZER, Matthias. “Ação inversora do destino dos pobres: um estudo do Salmo 113”. *Atualidade Teológica (PUCRJ)*, v. 36, p. 441-452, 2010.

¹³ Segue a indicação de um estudo nosso já publicado sobre o Salmo 42. “Torrentes” no sentido de “leitões de água” e/ou “as profundezas das águas” ganham os horizontes



substantivo masculino plural, que com suas três ocorrências embelezam significativamente o livro dos cento e cinquenta Salmos: (Sl 18,16; 42,2 e 126,4) (Strong, H662). E por último, a palavra “Negueb¹⁴ (נֶגֶב)” que na condição de substantivo próprio, possui apenas um uso junto aos cento e cinquenta Salmos. Ei-lo: Sl 126,4b (Strong, H5045). Mais ainda: o interlocutor atento, ao declamar o verso: “SENHOR, “volta-te, novamente, para nós, como as torrentes do Negueb”; tende a se perguntar: como é possível um riacho no deserto? É possível graças a presença dos “uádís”, estes na maioria das vezes, são “leitos secos”, “rochosos”, “desprovidos de vida”. Mas que “imprevisivelmente” podem receber uma grande “tempestade de chuva” e os “leitos”, até então “vazios”, passam a “transbordar água”(Ibrahim, 2020).

Em toda a Bíblia Hebraica “Negueb¹⁵ (נֶגֶב)” é usada por cento e nove vezes (Strong, H5045). Em princípio, descreve-se Abrão como o primeiro a chegar nas terras do “Negueb (נֶגֶב)” (Gn 12,9). Mais tarde, ao sair do Egito, juntamente com sua mulher e Ló, Abrão volta ao “Negueb (נֶגֶב)” (Gn 13,1; 20,1). E, daí (Gn 13,3) sairá com destino a Betel, a fim de armar sua tenda e seu altar. Trata-se, em todo caso de uma terra sobre a qual Abrão não apenas andou, mas, contemplou, ao vê-la “localizada ao Sul (נֶגֶב)” (Gn 13,14). O mesmo não se pode dizer sobre Moisés. Este último, no Monte Nebo, pôde ver todas as regiões, entre elas, a do “Negueb (נֶגֶב)”, mas em nenhuma delas pôde entrar (Dt 34,1-3). Em “Negueb (נֶגֶב)” morou Isaac (Gn 24,62). Jacó, uma vez em Betel, em sonho recebeu do Senhor a promessa de que “a descendência dele seria como a poeira da terra”, expandindo-se para o “norte” e para o “Sul (נֶגֶב)” (Gn 28,14).

reflexivos deste estudo. (Cf.: DANTAS, José Ancelmo S. Criação, migração e injustiça: um ensaio ecoteológico e literário de (Sl 42-43). *Revista Estudos Bíblicos*. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/authorDashboard/submission/973>. Acesso em: 2 dez. 2024.

¹⁴ De acordo com o dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento, p. 913 (verbetes de número 1288a) o antigo Negueb, também chamado por Sul, era uma região de limites indefinidos e com aproximadamente 11.700 quilômetros quadrados. Seu limite ao norte estendia-se ao sul da estrada de Gaza-Berseba diretamente ao leste de Berseba até o mar Morto. Seu limite ao sul misturava-se com os altiplanos da península do Sinai. O Negueb era (e ainda é) constituído de um terreno bastante irregular, em que quase nunca chove (de 25 a 200 milímetros de precipitação anual). Com verões quentes e invernos frios.Cf.: L. J. C – COPPES, Leonard J., Th. D., Pastor, Harrisville, Pensilvânia, Estados Unidos. Negueb. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason Leonard; WALTKE, Bruce K. (ed.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 913.

¹⁵ O termo “Negueb” (נֶגֶב) ocorre 109 vezes na Bíblia Hebraica (Strong, H5045). STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.



Aliás, por diversas vezes, a Bíblia Hebraica fará referência ao “Negueb (נֶגֶב)” como a “terra do Sul”, no sentido de “a região do Sul” e/ou a “terra ao Sul de Canaã”. Trata-se, portanto, de uma “terra” cuja delimitação é bem precisa, isto é, “ao sul” (Nm 33,40; 34,3^(2x).4^(2x); 35,5; Js 15,2.3.4.7.8.21; 17,9.10; 18,5.13^(2x).14^(2x).15.16.19^(2x); 19,34; Jz 21,19; 1Sm 20,41; 27,10^(3x); 30,1.14^(2x); 2Sm 24,7; 1Cr 9,24; 26,15.17; Jr 13,19; 17,26; 32,44; 33,13; Ez 21,3.9; 40,2; 46,9^(2x); 47,19^(2x); 48,28; Dn 8,4.9; 11,29; Zc 7,7; 14,4.10).

Mais ainda, no livro do Êxodo, diversas referências ao nome do “Negueb (נֶגֶב)” encontram-se relacionadas a tenda, juntamente, com sua arquitetura e objetos sagrados: “vinte tábuas do tabernáculo para o lado sul (נֶגֶב)” (Ex 26,18; 36,23); “cortinas de linho no átrio do lado meridional que dá para o sul (נֶגֶב)” (Ex 27,9; 38,9) e o “candelabro diante da mesa para o sul (נֶגֶב)” (Ex 40,24). Bem como, objetos litúrgicos usados no templo, como era o caso do “mar de fundição” (2Cr 4,4; 4,10), que se apoiava sobre “doze bois”, sendo que “três dentre eles, estavam voltados para o sul (1) (נֶגֶב)” (Rs 7,25.39). Inclusive, a “água” que vinha por debaixo e acessava o “lado direito do templo”, saía exatamente do “lado sul (נֶגֶב)” (Ez 47,1). E os sacerdotes, ocupavam dentro do santuário, somente ao “sul (נֶגֶב)” uma área equivalente a “vinte e cinco mil côvados de largura” (Ez 48,10). Ficando para o uso “civil dos habitantes da cidade”, também “ao sul (נֶגֶב)” uma área equivalente a “dois mil, duzentos e cinquenta metros” (Ez 48,16). Enfim, quando foram medidos os arredores da cidade, totalizaram “ao sul (נֶגֶב)” cerca de “cento e vinte e cinco metros” (Ez 48,17).

Fato é que: “Negueb (נֶגֶב)” embora tenha sido “terra de reis” (Nm 21,1; Js 11,2; 12,8; Dn 11,5.6.9.11^(2x).14.25^(2x).40) e “dos amalecitas” (Nm 13,29; Jz 1,9), foi centro das atenções de “Moisés”, na medida em que por lá passaram “espiões” que subiram pelo “deserto” do Sul, a fim de ver “Canaã” (Nm 13,17.22; Dt 1,7). Terra “conquistada por Josué” (Js 10,10; 11,16), mas atacada por “filisteus” (2Cr 28,18), até que a sorte dessa região recaiu sobre os “filhos das tribos do sul (נֶגֶב)” (Js 15,1; Jz 1,16). Falar sobre Negueb é descrevê-la como uma cidade de muitos “portões” (Ez 48,33), de muitas “forças” (Dn 11,15) e possuidora, momentaneamente, do “monte de Esaú” (Ab 1,19). De um lado, tem-se uma “terra desértica” e “seca” (Js 15,19; Jz 1,15). De outro, tem-se um lugar de “tempestades” (Is 21,1). Região detentora de “pico rochoso” (1Sm 14,5). Por estar, geograficamente, próxima ao Egito, fora chamada com o nome: “besta do sul” (Is 30,6). Mas, seja dito também que: para



essa “terra”, bem como, para suas “florestas” virou o rosto do “filho do homem” (Ez 21,2) (Ez 21,2.3), tornando-a ao longo dos séculos palco de grandes acontecimentos¹⁶.

Conclusão

O Sl 126 pertencente à família dos “Cânticos de Peregrinação” é um poema lírico claramente definido e organizado. Estruturalmente tem-se o (v. 1b-c) que forma uma moldura perfeita com o (v. 4a-b). Sendo o primeiro verso (v. 1b-c) descrito numa perspectiva de tempo pretérito, e, o segundo verso (v. 4a-b) descrito no tempo presente. Todavia, o v. 4a-b também se trata de uma oração, no sentido de uma prece feita ao Senhor. Por isso, o enunciado abre a imagem para o futuro. Mais ainda, enquanto o tempo era regido na qualidade do passado (v. 1b-c) vislumbrava-se a obra do Senhor, cantada de tal modo, que a poesia chegou a “sonhar” (v. 1c) e a se “alegrar” (v. 3b). Com o (v. 4a-b) há mudança de tempo e, então, percebe-se nas linhas do poema lírico, a preocupação com a sobrevivência dos irmãos, mais nitidamente caracterizada, através do mundo da sementeira (v. 5a-6d). Enfim, tal estrutura pôde se sustentar, graças ao seu autor, isto é, o Senhor, Deus de Israel (vv. 1b.2d.3a.4a) na medida em que Ele fez, faz e continuará a fazer pelo seu povo.

Há um sentimento familiar ao poeta que forjou este hino lírico – pertencente à família dos cânticos de peregrinação – com o “peregrino”¹⁷ possuidor de uma fé monoteísta, junto ao Senhor, Deus de Israel. Trata-se da capacidade de reler a história com os óculos do divino amor. Meditando sobre o passado, rezando, a fim de abraçar o presente e permitir que

¹⁶ Entre outros acontecimentos históricos, destaca-se, especialmente, a questão do comércio ao longo da Rota da Seda, que era realizada com o auxílio de camelos. Esta rota tornou-se possível devido à geografia do Negueb, região que desempenhou um papel crucial nas interações comerciais e culturais da época. Para uma compreensão mais detalhada sobre o contexto geográfico e histórico dessa rota, pode-se consultar o estudo PEETZ, Melanie. *O Israel Bíblico: História, Arqueologia, Geografia*. São Paulo: Paulinas, 2022, que aborda a história, a arqueologia e a geografia de Israel, com uma análise minuciosa das condições que permitiram o desenvolvimento de tais rotas comerciais.

¹⁷ O estudo do Salmo 126 faz parte de um projeto hermenêutico que analisa os hinos de peregrinação, relacionando-os com santuários brasileiros. O Salmo 126 e a Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima simbolizam a união entre a fé bíblica e a fé popular, refletindo a espiritualidade de peregrinação e confiança em Deus. A Basílica, localizada em Cotia e Embu das Artes, São Paulo, é um importante centro de devoção mariana, atraindo peregrinos para momentos de oração e celebração. Disponível em: <https://www.arautoscotia.org/>.



o Senhor conduza os passos que serão dados no futuro. Ao que parece, o pretérito do poeta foi de muitas lágrimas. O mesmo pode se suceder ao passado do peregrino. Importa “sonhar (חלם)” (v. 1b), “rir (צחק)” (v. 2a), e “jubilar (הִתְחַדֵּשׁ)” (v. 2b) acreditando que “Aquele” que outrora “se voltou para Sião” (v. 1b), “hoje” haverá de “se voltar para nós” (v. 4a).

Referências

BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. *A poética hebraica e os salmos*. Petrópolis: Vozes, 1985. 141 p. ISBN 85-326-0357-1.

BODOR, Attila. „Olyanok voltunk, mint az álmodók”: Az álmok szimbolikája a 126. (“Éramos como sonhadores”: O simbolismo do sonho no Salmo 126) [trad. pelo autor] Zsoltárban. *Mathias Corvinus Collegium*, vendégoktató. Disponível em: <https://sup.stthtr.com/home/catalog/view/4/9/29>. Acesso em: 2 dez. 2024.

CASTRO, Joaquim Mendes de. O Salmo 126 e o terceiro êxodo. *Didaskalia*, v. 1, n. 2, 1971. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10357>. Acesso em: 2 dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1971.595>.

CLOUZOT, Henri. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

DANTAS, José Ancelmo S. Criação, migração e injustiça: um ensaio ecoteológico e literário de (Sl 42-43). *Revista Estudos Bíblicos*. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/authorDashboard/submission/973>. Acesso em: 2 dez. 2024.

DANTAS, José Ancelmo Santos; SILVA, Gabriel da Paixão. Lembranças de casa: um estudo literário e bíblico do Salmo 137. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, v. 16, n. 3, p. 492-502, 2024.

GRENZER, Matthias. Ação inversora do destino dos pobres: um estudo do Salmo 113. *Atualidade Teológica* (PUCRJ), v. 36, p. 441-452, 2010.

GRENZER, Matthias. Caminhos de justos e perversos: exegese do Salmo 1. *Atualidade Teológica* (PUCRJ), v. 38, p. 335-348, 2011.

GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92. *Atualidade Teológica*, v. XXIV, p. 66-86, 2020.



GRENZER, Matthias. Literalidade: desafios ao traduzir os livros Êxodo, Salmos e Cântico dos Cânticos. *Ciberteologia* (São Paulo), v. XIX, p. 34-43, 2023.

GRENZER, Matthias. Pastoreio e hospitalidade do Senhor: exegese do Salmo 23. *Atualidade Teológica* (PUCRJ), v. 41, p. 301-321, 2012.

GRENZER, Matthias. Peste e epidemia: configuração poética e reflexão teológica no Salmo 91. *Estudos Teológicos (Online)*, v. 60, p. 433-445, 2020.

GRENZER, Matthias. *O projeto do êxodo*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. 176 p. ISBN 9788535613261.

GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos: elementos para uma educação espiritual e ambiental. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, p. 439-456, 2021.

GRENZER, Matthias; AMARAL DE LIMA, Cleodon; BARBOSA CARDOSO, Robert. Dele vem minha esperança: um estudo do Salmo 62. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 39, p. 195-212, 2024.

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos. *Rev. Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, p. 115-129, 2022.

GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos. Moisés como incircunciso de lábios (Ex 6,12.20). *Revista Eletrônica Teologia e Ciências da Religião*. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1591/1283>. Acesso em: 2 dez. 2024.

GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do Salmo 65. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 38, p. 171-196, 2023.

GRENZER, Matthias; RAMOS, M. S. Água nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, p. 750-763, 2020.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason Leonard; WALTKE, Bruce K. (ed.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOUTMAN, C. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2007.



IBRAHIM, Celene M.; KREIMER, Nancy. Psalm 126: a Jewish–Muslim dialogue. *PsalmSeason*, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43963831/_Psalm_126_A_Jewish_Muslim_Dialogue_PsalmSeason_. Acesso em: 2 dez. 2024.

PAULINAS EDITORA (org.). *A Bíblia – capa cristal*. Capa comum. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2023.

PEETZ, Melanie. *O Israel Bíblico: História, Arqueologia, Geografia*. São Paulo: Paulinas, 2022.

RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei salmi: commento e attualizzazione – vol. 1: salmi 1-50*. Bolonha: Dehoniana Libri, 2011.

ROSS, Allen P. *A commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150)*. Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505.2016.

SEYBOLD, Klaus. *Poetica dei Salmi: studi poetologici sull’Antico Testamento*. Vol. I. Supplementi alla Introduzione allo studio della Bibbia, 35. São Leopoldo: Claudiana, 2007. ISBN 9788839407375.

STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Editora Paulus, 2002.